



## ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DE UMA PRÁTICA DE FUTEBOL DOTADA DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

**Carlos Roberto Bueno Júnior**  
**Yara Maria de Carvalho**

Universidade de São Paulo – Brasil

**Resumo:** Aspectos antropológicos relacionados ao futebol e à sua prática no tempo disponível dos funcionários de uma empresa de limpeza contribuíram para uma reflexão a respeito dos sentidos e significados atribuídos ao futebol – por meio de observações e entrevistas semiestruturadas. O jogo acontecia em espaço público, em um “campinho”, sem apoio da empresa, e a prática corporal se mantinha porque era dotada de sentidos e significados, os quais estão relacionados à satisfação que a atividade física provoca e à sensação de que tal vivência é uma construção do próprio grupo. A comunidade ainda carece de atenção e cuidado por parte dos profissionais da Educação Física em relação à promoção de atividades físicas que considere seus valores, vontades e expectativas.

**Palavras-chave:** futebol; cultura corporal; etnografia.

### INTRODUÇÃO

A ideia desta investigação surgiu nas andanças até o “bandejão”, como é conhecido o restaurante central de uma Instituição de Ensino Superior pública do estado de São Paulo. Foi no correr desse percurso que despertou o interesse dos pesquisadores um grupo de homens que corriam alvoroçadamente atrás de uma bola em um campo de terra com resquícios de grama, vestidos geralmente com calças e camisas de pano muito espesso. Diante de tal cena, uma questão surgiu: o que faz esses homens jogarem futebol sob esse sol? Não eram jogadores de futebol profissional em razão do uso de sapatos e de vestimenta tão inadequados e desconfortáveis, além das dimensões reduzidas do campo e dos gols, da estrutura física e especialmente das condições do “gramado”.

Para buscar responder a essa pergunta e a outras que surgiam nessa passagem, foi sistematizado um projeto a partir de um referencial teórico-metodológico das Ciências Humanas e Sociais. Como diversas perguntas cada vez mais borbulhavam, foi conveniente recorrer à antropologia, à história e à sociologia para buscar, senão todas, algumas respostas (LAPLANTINE, 1988).

#### ***Futebol brasileiro: aspectos antropológicos, históricos e sociológicos***

O objetivo deste tópico é discutir elementos relacionados ao futebol na cultura brasileira e os trechos a seguir mostram que tal modalidade esportiva ocupa um lugar considerável no imaginário do povo brasileiro há bastante tempo:

Jogo nativo com uma fúria quase assustadora neste país de bananas. Do dia para a noite surgiram mais de 250 clubes esportivos [...] e “a seleção natural” fez com que 4 clubes brasileiros há anos lutassem com 2 clubes estrangeiros pela taça de ouro do campeonato [...]. No primeiro ano, a população eletrizada viu-se colocada diante de uma nova questão social. Tratava-se de verificar se o paulistano tinha capacidade para sair vitorioso ante a enorme oposição dos filhos de Albion. O povo compreendeu de imediato o extraordinário alcance deste duelo [...]. Essa luta tinha para a população de São Paulo um significado moral 10 vezes maior do que a eleição de um presidente do Estado. Parava nas ruas para apontar com os dedos os jogadores – aqueles renovadores do nosso sangue. São Paulo reconhece que cada um desses jovens é socialmente mais importante que todos os deputados estaduais e federais somados, multiplicados e elevados à sétima potência [...]. O último gol do Clube Paulistano contra os ingleses provocou a maior tempestade de aplausos jamais conhecida em São Paulo. Milhares de mãos, acenando chapéus, ergueram-se em delírio, milhares de gargantas gritaram um titânico hurra, um hurra gigantesco e ensurdecidor que fez a terra tremer [...]. Fedelhos de 4 anos já chutavam a bola, com 7 já faziam ataque e com 8 gazeteavam a escola para treinar no campo vizinho [...]. Esta é uma perspectiva consoladora [...]. Só assim se está, com 20, preparado para o *steeple-chase* da *struggle-for-life*. É dessa espécie de homens que precisamos. Menos doutores, menos parasitas, menos senhores feudais, menos deputados, menos promotores, menos bajuladores e *mais struggle-for-life*, mais “homens”, mais nervos, mais corpúsculos vermelhos, para que um Camilo Castelo Branco não possa repetir que ele tem sangue corrompido nas veias e farinha de mandioca nos ossos (Lobato sob o nome de Hélio Bruma em 1905) (ROSENFELD, 1973, p. 79).

Quando hoje eu te vi executar o salto, descontraído, ousado e vigoroso como uma figura da *Ilíada* então estremei no mais íntimo do meu ser, tomada por um impulso frenético, como se estivesse diante de um grego, do herói de uma Olimpíada. Abalada como Apolo a *Dríade*, medi tua magnífica figura [...]. Contra o fundo incomparável de um pálido crepúsculo tu te lançaste ao espaço, tensos todos os músculos, envolto no rugido do aplauso das massas entusiasmadas. Como um deus, que gracioso é ágil do Olimpo descesse, tocaste então o solo, glorioso, ardente e destemido – perfeito na beleza da escultura grega clássica (Ana Amélia a seu marido Hélio Marcos Mendonça, goleiro do Fluminense) (ROSENFELD, 1973, p. 81).

O primeiro aspecto importante de se discutir a respeito do futebol são os fatores que fizeram e fazem que esse esporte esteja tão arraigado no nosso cotidiano. Daolio (1997) argumenta que o futebol caiu na graça dos brasileiros porque usa os pés, assim como o samba, a capoeira e várias danças rituais indígenas. Para ele, o drible no futebol é malandragem, esperteza, molecagem, ginga, magia, improviso, criatividade, astúcia, manha – “requisitos” nesse país para que as pessoas consigam dinheiro, levem alguma vantagem e “cortem as filas”. Na expressão popular, é o “jeitinho brasileiro”.

Nesse sentido, o futebol representa para as camadas menos privilegiadas da sociedade brasileira uma possibilidade, senão a única, de sucesso, êxito e glória. Esse sucesso pode ocorrer se o indivíduo for um jogador profissional de prestígio, ou mesmo com as vitórias de seu time do coração. Para jogar ou torcer por um time não é preciso ter renda mínima, determinado grau de instrução, emprego fixo ou ir de carro próprio – pode-se ir até a pé ou no ônibus superlotado (DAOLIO, 1997).

Fernandes (1994) salienta que o futebol quebra, ainda que por alguns instantes, a rotina da miséria, da ignorância e da opressão, nesse país onde a diferença social é tão gritante. Além disso, de acordo com Sevckenko (1994), a prática do futebol não requer material esportivo específico, tudo pode ser improvisado – duas pedras podem se transformar em um gol e um trapo em bola.

É fascinante perceber como o futebol é tão presente na cultura esportiva brasileira. Quase toda criança ao nascer recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Apesar de a “lenda” dizer que política, futebol e religião não se discutem, acaloradas discussões sobre futebol pipocam em todos os espaços e tempos: nos botequins, nas praças, nos parques, no ambiente de trabalho e nas reuniões familiares. Ele rompe hierarquias e comove homens e mulheres (DAOLIO, 1997).

Não é de admirar o extraordinário espaço que essa modalidade esportiva detém nos meios de comunicação (televisão, rádio, jornais, revistas e rede mundial de computadores) e o montante de recursos financeiros

e econômicos que movimentam. O Brasil literalmente para em dia de jogo da seleção masculina de futebol pelos grandes torneios internacionais. Segundo Daolio (1997), a torcida pela seleção brasileira de futebol talvez seja uma das únicas vivências de repercussão tão ampla e impactante da nação. Ainda de acordo com o autor, um jogo da seleção é capaz de reavivar a ideia de coletivo, de fraternidade e de união – a vivência, difícil atualmente, de sermos todos brasileiros e de termos orgulho disso. DaMatta (1982) pondera que ainda é o futebol que nos faz ser patriotas.

Seguindo a lógica do autor: “Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva regras, relações, objetos, gostos, ideologias, etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado e muito bem definido: o espaço do esporte e do jogo” (DAMATTA, 1982, p. 24).

O autor quer nos dizer que o futebol pode expressar a sociedade brasileira, com todos os seus problemas, desejos, mitos, aspirações, contradições, frustrações, alegrias, tristezas e crenças – ainda que profundos e camuflados.

Segundo Bruni (1994), a liberdade e a igualdade são exemplos de aspirações da sociedade brasileira; e as pessoas podem escolher seu time de futebol, mas não sua classe social ou a universidade em que querem estudar. A existência de regras e a alternância pacífica e sistemática entre vencedores e perdedores mostram a igualdade no futebol. Segundo DaMatta (1994), essa alternância faz que o vitorioso não tenha o direito de ser um ditador e faz que o perdedor não seja humilhado. No mesmo texto, o autor considera que esse jogo produz ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha, e que ele foi nosso primeiro professor de democracia e de igualdade, ensinando o povo a aprender a respeitar as leis. Ainda com relação à igualdade, Daolio (1997) alega que na vida cotidiana e no futebol, apesar de todos os indivíduos terem de cumprir todas as regras sociais, há uma necessidade de, ao se fazer o que todos fazem, perceber-se como um indivíduo único, diferente de todos os outros. Lopes (1994) completa que o futebol aparece como um universo idealizado de justiça social porque vencem os mais corajosos e os mais talentosos.

Um exemplo de contradição da sociedade brasileira relacionada ao futebol é que nele o negro não é tão discriminado como no cotidiano – talvez porque muitos de nossos craques foram e são negros, além de ser permitidos xingamentos, determinada violência e o choro masculino. Ao contrário do dia a dia, em que os negros são mais discriminados e tais comportamentos não são permitidos (DAOLIO, 1997).

Com relação à violência no futebol, Daolio (1997) considera que esse esporte estimula nos jogadores e torcedores comportamentos irracionais como a violência, o ódio, o prazer, mas não sugere a sua exacerbação – além de levantar duas teorias para tentar explicá-la: a primeira é a Teoria do Instinto, segundo a qual a atitude agressiva é instintiva; a segunda é a Teoria da Frustração, segundo a qual a atitude agressiva é causada por um ambiente ou uma situação de frustração – os inúmeros problemas dos brasileiros (desemprego, falta de educação e moradia decentes, corrupção, falta de assistência médica, transporte inadequado) estariam fazendo que esse povo não tenha condições – nem materiais, nem intelectuais, nem afetivas – de vivenciar e controlar suas emoções adequadamente. Isso corrobora as palavras de Orlando Ferreira (apud TOLEDO, 2002, p. 225): “Cada torcedor é uma espécie de rolo de arame farpado, fere por todos os lados. Por muito bem educada que seja a pessoa, no campo de futebol torna-se incivil, estúpida, grosseira. Não se limita a aclamar os jogadores de sua predileção; insulta os adversários”.

Deve-se salientar que o futebol brasileiro é um meio de expressão da violência e não um gerador ou causador de violência, caso contrário a violência estaria presente desde o início da modalidade no Brasil (PIMENTA, 2000).

É interessante também observar como os brasileiros associam os acontecimentos do futebol aos seus sentimentos: vitória é alegria, derrota é tristeza; a luta por um título é esperança, perder de goleada é humilhação; o gol é o momento de prazer, o “frango” do goleiro é vergonha; torcer mesmo quando se perde é

fidelidade, suportar gozações é paixão. Segundo Daolio (1997), o futebol é uma forma de experimentação, vivência e reflexão sobre determinados sentimentos e emoções necessários ao povo brasileiro.

Vários autores estudam as raízes do estilo brasileiro de jogar futebol, o futebol arte. Segundo Toledo (2002), a má interpretação das regras universais do esporte quando ele chegou ao Brasil foi um fator importante nesse processo – o contato corpo a corpo e o “tranco” foram tidos como irregularidades aqui, o que gerou a exigência de dribles e ginga. Por outro lado, Rodrigues (2004) observa que o racismo no futebol exigia dos negros e mulatos o intenso cuidado em desviar, não tocar em jogadores brancos, pois em alguns casos isso poderia provocar agressões. Tal assertiva corrobora a citação a seguir, de uma época com racismo mais acentuado do que hoje, pouco mais de meio século após a abolição da escravidão negra no Brasil:

Eles (os negros) tinham que jogar um futebol mais limpo, decente e tinham que respeitar os brancos. Quando o negro chutava o branco, o escândalo era certo [...]. Mesmo os outros negros – aqueles nas arquibancadas – que torciam para o clube maior (dos brancos) gritavam um ofensivo “negro sujo”. Por isso, muitos negros no futebol se transformaram em damas. Quando tinham que tirar a bola de um branco, faziam-no com visível delicadeza. Ou simplesmente deixavam que o branco passasse (FILHO, 1947, p. 27).

As duas citações a seguir comprovam o racismo que havia no futebol brasileiro:

No Fluminense (“grande” clube de “boa família”), Carlos Alberto ficou preocupado com sua aparência: antes de entrar em campo e cumprimentar o belo público das tribunas, esse momento de maior exposição para alguém que como ele interiorizou o seu mal-estar social, ele passa então a se maquiar com pó-de-arroz para se embranquecer. Num jogo contra seu antigo clube, ele entra em campo e os torcedores do América, ao perceberem-no dos lugares mais baratos do estádio, começam a gritar: “Pó-de-arroz!”, “Pó-de-arroz!” (LOPES, 1994, p. 70).

Manteiga era preto: quando ele se prepara para entrar em campo para seu primeiro jogo, outros jogadores do América deixam o vestiário, por preconceito. Em seguida, nove jogadores do primeiro e do segundo time do clube pedem demissão em protesto contra a inclusão desse novo jogador (LOPES, 1994, p. 70).

Apesar de tamanho racismo, Lopes (1994) afirma que contrariamente ao que sucedeu na Inglaterra, o futebol tornou-se no Brasil uma atividade esportiva que contribuiu para a mistura das classes sociais e raças. Isso se deu em parte porque o esporte exige um número relativamente grande de jogadores, de modo que a elite não conseguia os 22 homens apenas em sua classe social. Além disso, muitos negros, então desencorajados, viram e veem no esporte uma possibilidade de ascensão social ao se tornarem jogadores de prestígio.

O futebol também provocou o processo de alfabetização no Brasil. Segundo Lopes (1994), as ligas de futebol exigiam que os jogadores soubessem ler e escrever e o teste era a avaliação da velocidade com a qual o jogador assinava o seu nome na súmula na entrada do jogo. Segundo Rosenfeld (1973), essa determinação fazia que os clubes contratassem professores para alfabetizar seus craques.

Nelson Rodrigues escreveu magistralmente sobre a “alfabetização súbita” gerada pelo futebol em matéria publicada no *Jornal Manchete Esportiva*, em 1958:

A partir do momento em que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” iam ler a vitória no jornal [...]. Liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance ao lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil (apud ROSENFELD, 1973, p. 63);

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo [...]. Sucedeu essa coisa sublime: analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas (apud ROSENFELD, 1973, p. 64).

De certa forma, contrapondo à magia do futebol, alguns autores como Caldas (1994), por exemplo, alegam que o futebol brasileiro é ópio e dominação do povo pelo governo, que frequentemente associa as vitórias da seleção de futebol às suas ações, além de tentar entreter a população com o esporte para que ela se esqueça das mazelas sociais. As principais intervenções públicas de Vargas dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol na década de 1930, aconteceram no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, o maior estádio do Rio de Janeiro antes da construção do Maracanã em 1950. É lá que foram anunciadas a adoção do salário mínimo em 1940 e a criação das leis do trabalho em 1943 (LOPES, 1994). Apesar disso, Caldas (1994) pondera que muitos jogadores ou ex-jogadores de futebol foram e são importantes na política nacional, quebrando estruturas autoritárias, ajudando a discutir os problemas brasileiros e exercendo cargos de representatividade de maneira eficiente.

Segundo Rodrigues (2004), o estilo brasileiro de jogar entrou em crise a partir das últimas décadas do século XX, quando o processo de modernização e comercialização do espetáculo futebolístico implicou a necessidade cada vez maior de vitórias. Assim, habilidade, magia, ginga, arte e espetáculo saíram um pouco de campo para dar lugar à aplicação tática, à preparação física, à força e à técnica. Segundo Prado (1994), isso parece uma contradição, nessa fase em que o futebol procura firmar-se como divertimento na televisão.

Finalmente, Barros (1990) defende que deveríamos usar o futebol de maneira mais veemente para divulgar o nosso país. Há algum tempo Nelson Rodrigues já via que as vitórias no futebol de nossa seleção influenciariam nossas relações com o mundo:

A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: que éramos nós? Uns humildes [...]. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos (BARROS, 1990, p. 112).

Após esse panorama sobre o futebol brasileiro, a partir de aspectos antropológicos, históricos e sociológicos, voltaremos aos “homens que jogavam bola sob o Sol”.

## OBJETIVO

O objetivo deste artigo é descrever e analisar os sentidos, significados e valores que um grupo de trabalhadores de uma empresa de limpeza atribui à prática do futebol. Há poucos estudos dessa natureza sobre o futebol. Na maioria das vezes, o que se pretende com a pesquisa cujo objeto recorta a principal modalidade esportiva do país é enfatizar o esporte profissional (CUNHA, 2003; LEONCINI; SILVA, 2005; PALACIO; CANDELORO; LOPES, 2009), a vida do atleta em detrimento da prática de pequenos grupos, anônimos socialmente, nesse caso funcionários de limpeza.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi desenvolvido com um grupo de trabalhadores da área de limpeza vinculado a uma empresa terceirizada por uma Instituição de Ensino Superior pública do Estado de São Paulo, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos de uma Instituição de Ensino Superior pública do Estado de São Paulo, processo n. 012/2004, e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As técnicas de pesquisa adotadas – observações e entrevistas – ocorreram em vários dias, sempre no horário de almoço deles, nas salas do térreo do Bloco B do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp). Foram 10 os participantes da pesquisa, homens entre 22 e 34 anos, que se apropriavam do horário do almoço também para jogar futebol. As mulheres contratadas pela empresa que faziam o horário de almoço no mesmo local também foram observadas, pois segundo Laplantine (1988),

na etnografia interessa o estudo da totalidade, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que se pretende estudar.

As entrevistas foram realizadas de maneira semiestruturada e individual. Segundo Thomas e Nelson (2002), a entrevista é mais viável do que um questionário porque a sua validade é maior, já que suas respostas são provavelmente mais confiáveis; as questões e as respostas podem ser esclarecidas; o entrevistador pode observar como o indivíduo responde e assim perceber seu interesse por determinados tópicos; as pessoas geralmente preferem falar a preencher um questionário; e uma pessoa que recebe uma lista de questões se sente menos valorizada do que uma que é entrevistada. As entrevistas aconteceram com um ou dois indivíduos por dia e houve comentários interessantes dos participantes. Um exemplo pode ser a fala de Marcelo (todos os nomes descritos no texto são fictícios) para João no fim do futebol: “Faltou você dar entrevista. Você é atacante, é fundamental” (informação verbal).

## RESULTADOS

Cabe ressaltar inicialmente que enquanto o trabalho era realizado, os ensinamentos de Laplantine (1988) estiveram sempre presentes: devemos interiorizar as significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos; devemos analisar gestos, expressões corporais, hábitos alimentares, higiene e ruídos; interessa o que não é escrito, formalizado e institucionalizado.

No dia de pedir a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para desenvolver o trabalho (observações e entrevistas semiestruturadas), foi perguntado ao porteiro do prédio ao lado do campo de futebol se ele sabia informar onde poderia ser encontrado o pessoal que lá jogava futebol. Enquanto explicava que eles poderiam ser encontrados almoçando no Bloco B do Crusp, uma senhora que almoçava no local passou pela portaria. Então, o porteiro pediu para que ela apresentasse o local. De longe, ela apontou um homem – disse que ele jogava futebol e que seu nome era Tiago.

Tiago era um homem magro e trajava uma touca de lã, um par de sapatos, e, como todos os companheiros e companheiras, uma calça e uma camisa da empresa para a qual trabalhavam. Ele desmontava caixas de papelão. Ao ser apresentada a pesquisa proposta, ele a aceitou prontamente e apenas perguntou sobre o teor das questões da entrevista. Após a explicação, ele perguntou se havia tempo disponível para começar o trabalho no mesmo dia. Como foi respondido que sim, ele pediu para que ficássemos à vontade em um banco de madeira ao ar livre esperando que eles almoçassem para depois começarem o futebol. Então, Tiago foi imediatamente comunicar a notícia aos companheiros – uns estavam na sala de refeição, os outros, no vestiário.

Eles chegavam ao local de almoço entre 11h45 e 12h (certo dia Tiago disse: “Agora estão deixando a gente sair só ao meio-dia” – informação verbal), faziam a refeição durante cerca de 15 minutos e jogavam futebol entre 12h20 e 13h, quando voltavam imediatamente ao trabalho. No ambiente de refeição havia um vestiário masculino e um feminino, uma pequena área coberta sem paredes laterais e uma área ao ar livre com alguns bancos de madeira. O ambiente estava sujo na maioria das visitas e era ocupado também por cachorros – muitas vezes os funcionários os alimentavam com parte de sua comida ou com os alimentos intactos – geralmente comiam arroz, feijão, carnes e verduras trazidas de casa. Algumas mulheres se alimentavam com pães, frutas, frituras e lanches trazidos de casa ou comprados nas imediações. Às vezes alguns funcionários não comiam nada durante o horário de almoço e justificavam com os seguintes dizeres: “Estou sem fome, não tô sentindo bem, comi pão” (informação verbal). Quando alguém não estava se sentindo bem, uma senhora dizia: “Soca folhinhas de boldo e bebe na água – é bom” (informação verbal).

Enquanto os homens jogavam futebol, as mulheres conversavam, cantavam, ficavam sentadas debaixo das árvores assistindo ao jogo ou ainda iam aos bancos, às farmácias e à feira comprar lanches. Em uma sala próxima, parte do grupo de homens jogava dominó, brincava e fazia piadas.



O futebol era jogado em um campo com gol ou em um campo sem gol. O primeiro tinha a maior parte do solo coberta por terra, nele os gols eram de madeira e seus limites (linhas laterais e de fundo) eram definidos por árvores e arbustos. O segundo tinha a maior parte do solo coberta por grama, nele cada gol eram duas estacas de madeira ou de concreto a cerca de um metro de outra e seus limites eram determinadas árvores e um risco no chão de terra.

Tiago explicou que quando o campo com gol não tinha poças de água e se tinha pelo menos oito jogadores, se jogava nele com quatro jogadores em cada time – três na “linha” e um no gol. Caso contrário, o jogo ocorria no campo sem gol com três jogadores em cada time – não havia goleiro. Quando havia um número ímpar de jogadores, mais de oito jogadores quando se jogava no campo com gol ou mais de seis, quando se jogava no campo sem gol, aqueles que ficavam de fora (por chegarem atrasados ou por opção) substituíam os indivíduos da equipe perdedora. A derrota ocorria quando um time sofria dois gols ou estava em desvantagem no placar ao se completar 10 minutos de jogo.

Conforme já comentado, a prática do futebol ocorria quando o sol estava muito quente e logo após o almoço. Além disso, os funcionários geralmente jogavam com o uniforme do serviço, composto por uma calça e uma camisa de pano muito espesso. Tiago ainda sempre jogava com uma touca de lã. Frequentemente vários jogadores diziam as seguintes frases: “Essa roupa está muito calor, já tá na hora de tirar a camisa, a gente começa a jogar e o sol esquenta, é que comi agora – estou cansado” (informação verbal).

Segundo Arruda, Victor e Assis (2004), na noite de 27 de outubro de 2004, o zagueiro Serginho da equipe profissional de futebol do São Caetano, 30 anos, morreu vítima de parada cardiorrespiratória jogando futebol. A partida ocorreu no estádio do Morumbi, na cidade de São Paulo, e valia pela primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Tal acontecimento gerou consequências no comportamento dos funcionários nos dias que o sucederam. Certo dia homens e mulheres estavam discutindo o fato na sala para refeições, quando uma mulher disse: “Não dá nem para assistir esse negócio depois que o cara morreu” (informação verbal). No dia posterior à morte do jogador, Rafael disse o seguinte: “O cara morreu ontem de infarto, então o Gustavo está com medo de jogar” (informação verbal). Realmente, Gustavo aceitou jogar apenas no gol. Durante o jogo ainda ocorreram dois episódios relacionados ao assunto: primeiro, uma mulher que almoçava no local disse o seguinte: “Está perigoso o Felipe cair de costas e fazer igual o Serginho” (informação verbal); depois, quando João caiu por ter sofrido uma falta, os jogadores começaram a gritar: “Traz as coisas, faz boca a boca, desenrola a língua” (informação verbal).

Expressões comuns do futebol podiam ser ouvidas durante o jogo: “nós dois; valeu; tirei a bola com o oio; ele nunca marca; você tem que vir acompanhando; não foi mão na bola, foi bola na mão; não vai sair gol não?; golaço; você tem que sair da marcação; tá com medo, pra que veio?; marque corpo a corpo; não dá distância; ele está fominha; Ave Maria; Ave Maria o quê?; dois marcando um só; ele devia ficar na cobertura; vai, desequilibrar os cara; o gol tava mastigado; isso é uma verdadeira cagada” (informação verbal).

Às vezes as mulheres que passavam o horário de almoço no mesmo ambiente iam ver o jogo, fazendo comentários e brincadeiras, e dando gargalhadas e algumas até arriscavam jogar com os homens antes do início do jogo. Entretanto, ainda que os encontros fossem marcados pela brincadeira e alegria, também havia discussões para resolver as faltas, se havia sido gol ou não, se a bola saiu ou não.

## ANÁLISE

Foi realizada análise qualitativa com intuito de aproveitar ao máximo os dados coletados por meio das entrevistas e observações, já que “o espectro de dados acessíveis à pesquisa social vai além das palavras pronunciadas nas entrevistas” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 15). De acordo com os autores, há basicamente cinco tipos possíveis de análise para texto: de conteúdo, argumentativa, de discurso, da conversação e da fala, e retórica. Dentre essas optou-se pela análise da conversação e da fala, pois esse tipo de análise foca nas

questões trazidas pelos entrevistados, como eles mudam de tópico, em que sequência os tópicos são discutidos, quais os tópicos preferidos, como as falas são formuladas e quais referenciais são utilizados para sustentá-las (BAUER; GASKELL, 2002). Também são importantes aspectos temporais das respostas, tais como pausas, repetições, sobreposições e interrupções. Ela favorece ainda a análise das expressões faciais e corporais, da sonoridade, do ritmo e da fluência da voz, das interações entre as diferentes falas do mesmo entrevistado, entre as falas dos diferentes entrevistados e entre as falas do entrevistado e do entrevistador, verificando, por exemplo, concordâncias e contradições (BAUER; GASKELL, 2002).

Baseando-se nesses pressupostos, a análise é apresentada a seguir, de modo a pontuar os temas mais recorrentes:

1. Não há consenso a respeito das características da modalidade estudada. Alguns autores, por exemplo, poderiam dizer que esse é um futebol de várzea. Segundo Magnani e Morgado (1996), futebol de várzea é um futebol não oficial, amador ou jogado na periferia. Se várzea significa planície em área inundável, por que se diz futebol de várzea? Segundo os autores, como não era possível construir nessas áreas (como as várzeas dos rios paulistanos Pinheiros e Tietê) em razão das inundações, elas serviam à prática do futebol, pelo menos em determinada época do ano. Entretanto, nos últimos anos essas áreas foram desaparecendo por causa da retificação dos rios para a urbanização. Witter (2001) comenta que era recorrente em determinadas cidades, como São Paulo, os proprietários de áreas não urbanizadas doarem uma área para a construção de um campo de futebol para fazer o lugar progredir, popularizar e, principalmente, valorizar. Porém, com o tempo, a maioria desses terrenos passou a sustentar prédios, casas e fábricas.
2. Atualmente, muitas empresas incentivam seus funcionários a se engajarem em programas de atividade física, esperando que eles obtenham melhorias na saúde e, conseqüentemente, na “performance” no ambiente de trabalho. Para Rosenfeld (1973), o futebol no Brasil é usado para tal fim desde o início do século XX, quando as empresas montavam seus times, preferiam contratar indivíduos habilidosos no futebol e privilegiavam seus funcionários-atletas com licenças para treinamento, trabalho mais leve para economizar energia e possibilidade de promoção mais rápida, com objetivo de dar visibilidade para a empresa. Já para Antunes (1994), essas instituições querem domesticar corpos para o trabalho e infundir neles um sentimento de grupo, identificado com a empresa, a ideia de “vestir a camisa” da instituição. Ambas as tendências concordam que tal iniciativa por parte das empresas é uma forma de elas se projetarem no mercado e aumentarem suas vendas. No caso da empresa “Limpa Bem”, responsável pela contratação dos “nossos jogadores”, ela não incentivava a prática do futebol por parte dos funcionários e não queria que eles usassem seu uniforme durante os jogos. Há uma fala, de uma das mulheres no momento anterior a uma das partidas que pode ilustrar: “Não pode jogar com a calça e a camisa da empresa que o chefe está chegando” (informação verbal). E um dos funcionários responde: “Vou tirar a camisa e dobrar a calça” (informação verbal). Outro completa: “Estão querendo proibir a nossa diversão” (informação verbal). Outro participante do grupo tirou a camisa e a calça da empresa, ele tinha outra calça debaixo e disse: “Não sou mais da Limpa Bem” (informação verbal). Disso também decorre que é a iniciativa dos funcionários que determina a prática.
3. A rigor, a fala dos entrevistados é classificada como senso comum (BAUER; GASKELL, 2002). Entretanto, é fundamental explicitar que elas estão carregadas de sentidos, significados, desejos e sonhos, ou seja, lembrando Martins (2000), senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento, mas porque é conhecimento partilhado entre os sujeitos da relação social.
4. O futebol é uma referência para aqueles que reconhecem no espaço público – rua, praças, campinhos – uma possibilidade para o divertimento e a sociabilidade, ainda que seja o jogo de futebol no horário do almoço, no caso dos funcionários.



5. Os resultados da pesquisa desenvolvida por Bueno Júnior e Marquetti (2005), com 16 funcionários de uma empresa da região metropolitana de São Paulo que trabalhavam na área de distribuição de peças de fixação e produtos químicos para automóveis e equipamentos em geral pode nos ajudar a pensar a respeito da recorrência dos temas. Esses funcionários praticavam atividades aeróbicas e de musculação em uma academia no espaço da própria empresa. Nesse grupo havia homens e mulheres de 19 a 42 anos, com níveis de escolaridade e econômico mais altos do que os do grupo do presente estudo. Da aproximação dos dois trabalhos é possível afirmar que os indivíduos do presente estudo gostavam mais de sua atividade física e a viam como diversão mais do que os indivíduos do outro estudo. Isso pode ser explicado, pelo menos em parte, pelo fato de o futebol estar arraigado na cultura brasileira, conferindo à prática sentidos e significados, essenciais à permanência na atividade. Isso corrobora com as falas: “como bom brasileiro, gosto de futebol; não consigo passar perto e não jogar; se eu ver, tenho que jogar”. Além disso, no futebol a prática era vista como uma construção e vontade do próprio grupo, ao passo que no caso dos funcionários da empresa não foram eles que escolheram as atividades a serem praticadas, e sim profissionais da Educação Física contratados pela empresa.
6. Seis indivíduos fizeram comentários semelhantes em relação às diferenças entre jogar futebol e torcer por um time de futebol: “ao torcer achamos que é tudo mais fácil, como fazer os gols; ao torcermos achamos que toda jogada é fácil, ao contrário de quando jogamos” (informação verbal). Isso corrobora com as palavras de Armando Nogueira (apud TOLEDO, 1996, p. 11):

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença; não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele, não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com as falhas dos seus heróis. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus.

7. “Queria ter sido jogador de futebol”. Quantos brasileiros já se imaginaram jogadores de futebol? Um dos fatores que fazem com que esse sonho de se tornar jogador profissional de futebol permeie a vida dos brasileiros é a ideia de que o futebol enriquece as pessoas e para muitos é a única possibilidade de mudar condição de vida e *status*. Porém, segundo Caldas (1994), isso é uma ilusão – apenas alguns jogadores possuem salários elevados.
8. Com relação aos fatores que dificultam o jogo de futebol no horário de almoço, a falta de tempo foi o mais mencionado, confirmando os argumentos de Bueno Júnior e Marquetti (2005), segundo os quais esse é o principal impedimento para as práticas citado pela literatura e essa “falta de tempo” pode estar relacionada à dificuldade que as pessoas têm em administrar o próprio tempo e/ou é uma questão de prioridade – se os programas de práticas corporais forem agradáveis, satisfatórios, significativos e convenientes eles podem “competir” com as outras atividades na lista de prioridades.
9. As relações que se constituem a partir do jogo e por conta do jogo remetem às dificuldades de lidar com as diferenças, sobretudo de opinião, e à sociabilidade: “É bacana, nos entendemos uns aos outros e também somos amigos fora de campo – formamos uma equipe e trabalhamos para a mesma empresa; é ótima; nós somos colegas e a amizade não é só no campo, é no trabalho também – é um privilégio estar junto com eles, não tem coisa melhor para divertir (informação verbal)”.

Por fim, é importante citar que indivíduos e grupos atribuem às práticas corporais sentidos e significados. No caso deste estudo, foi possível verificar que a prática do futebol na dimensão recreativa pode nos dar elementos para pensar a formação e a intervenção dos profissionais de Educação Física, ainda muito preocupados com as técnicas corporais e os fenômenos biológicos em detrimento dos valores que lhes conferem sentido.

Ao analisarmos a definição de lazer abaixo, é possível perceber que essa prática de futebol, mesmo realizada no horário de almoço do trabalho, enquadra na definição:

Cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2005, p. 28).

A literatura há algum tempo procura nos convencer de que a população não pratica atividade física, é sedentária, não tem consciência, não tem informação suficiente para entender a importância de se movimentar e, ao mesmo tempo, insiste com os programas de caminhada, ginástica, alongamento, musculação e tantas outras formas de práticas que não são “incorporadas” pela população porque são propostas descontextualizadas, distantes das necessidades e dos interesses da comunidade. É necessário que os profissionais de Educação Física conheçam melhor a complexidade do cuidar de si e do outro.

Os resultados que apresentamos apontam caminhos no sentido de revermos a nossa forma-ação, ou seja, a nossa forma de ação junto aos grupos. Construção de vínculos, coparticipação e sociabilidade são princípios que norteiam muitas das vivências que resultam de iniciativas que nascem da própria comunidade.

Diante da “instabilidade da vida cotidiana”, as práticas corporais podem ser o contraponto da racionalização e da intelectualização dos nossos modos de pensar e agir no mundo do trabalho, uma saída divertida, lúdica e inventiva para o desencantamento com a vida, que é gerado pela falta ou superficialidade de sentido da maior parte dos atos propriamente cotidianos (MARTINS, 2000).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das condições adversas, como falta de apoio da empresa, os funcionários jogarem futebol imediatamente após o almoço, mesmo não tendo tempo para o banho após o jogo, apresentou-se como uma prática corporal dotada de sentidos e significados, os quais estão relacionados à satisfação que a atividade física provoca e à sensação de que tal vivência é uma construção do próprio grupo, com base em seu sistema de valores, vontades, necessidades e expectativas. Cabe aos profissionais da Educação Física buscar compreender os elementos que conferem esses sentidos e significados à atividade física, o que é fundamental para a manutenção dos alunos em seus programas.

Vários elementos apresentados ao longo deste estudo podem subsidiar perspectivas propositivas tanto voltadas para a educação básica quanto para a formação profissional em Educação Física. Em relação à educação básica um desafio é encontrar estratégias de ensino que motivem os alunos e, conseqüentemente, favoreça a transmissão de conhecimentos e valores – como a prática de atividade física ao longo de toda a vida. Uma boa dica é tentarmos entender como as multinacionais da informática conseguem desenvolver jogos eletrônicos, aparelhos móveis e programas de conectividade que tanto atraem os jovens.

Em relação à formação profissional, um desafio importante para as Instituições de Ensino Superior é fornecer ferramentas aos graduandos que os torne aptos a “entrar na cultura” de seus alunos/clientes e “retirar” os elementos que devem ser considerados para montar um programa de atividade física dotado de sentidos e significados e que, conseqüentemente, vai ser mais efetivo. Em termos práticos, uma atividade interessante seria os discentes terem contato com diferentes comunidades com o objetivo de entender que fatores cada uma delas considera importante em relação às práticas corporais. Ora, se continuarmos a “prescrever esteira e bicicleta” para todos, mesmo sabendo todos os detalhes da Biologia Molecular dessas atividades, certamente grande parte da população está fadada a continuar sentada na poltrona do sedentarismo.

## ANTHROPOLOGICAL ANALYSIS OF A SOCCER PRACTICE WITH SENSES AND MEANINGS

**Abstract:** Anthropological aspects related to soccer and to its practice in the free time of a cleaning company employees contributed to a reflection about the senses and meanings attributed to the soccer by observations and semi-structured interviews. The soccer matches happened in a public place without any support by the company and this practice occurred because had senses related to the satisfaction and to the perception that this experience was an own group construction. The community still needs attention and care by the specific professionals related to the promotion of physical activities which consider their values, desires and expectations.

**Keywords:** soccer; body culture; ethnography.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 102-109, 1994.
- ARRUDA, E.; VICTOR, F.; ASSIS, T. Serginho, do São Caetano, morre após parada cardíaca em campo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 out. 2004. p. D1.
- BARROS, J. M. de A. **Futebol – Porque foi... Porque não é mais**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990. 112 p.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 347 p.
- BRUNI, J. C. Apresentação. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 6-9, 1994.
- BUENO JÚNIOR, C. R.; MARQUETTI, T. A. **Aderência à atividade física: revisão de literatura e estudo qualitativo**. 2005. 68 f. Monografia (Bacharelado em Educação Física)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CALDAS, W. Aspectos sociológicos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 41-49, 1994.
- CUNHA, S. A. Análises biomecânicas no futebol. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 25-30, 2003.
- DAMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- \_\_\_\_\_. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 10-17, 1994.
- DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 135 p.
- FERNANDES, F. Futebol onírico. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 13 jun. 1994. Opinião, p. 2.
- FILHO, M. R. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. Tradução Marie-Agnês Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 1988. 205 p.
- LEONCINI, M. P.; SILVA, M. T. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Gestão & Produção**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 11-23, 2005.
- LOPES, J. S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 64-83, 1994.
- MAGNANI, J. G. C.; MORGADO, N. Futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 175-184, 1996.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005. 218 p.

MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000. 147 p.

PALACIO, E. P.; CANDELORO, B. M.; LOPES, A. A. Lesões nos jogadores de futebol profissional do Marília Atlético Clube: estudo de coorte histórico do Campeonato Brasileira de 2003 a 2005. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 31-35, 2009.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

PRADO, D. A. Tempo (e espaço) no futebol. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 19-26, 1994.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, p. 260-299, jan./jun. 2004.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. Campinas: Editora da Unicamp, 1973. 106 p.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 30-37, 1994.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Tradução Ricardo Petersen et al. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 419 p.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002. 342 p.

\_\_\_\_\_. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores associados, 1996. 176 p.

WITTER, J. S. Futebol. **Última Hora**, São Paulo, 2001. p. 21-34. Série Futebol.

#### Contato

Carlos Roberto Bueno Júnior  
Avenida Professor Mello Moraes, 65  
São Paulo – SP – Brasil – CEP 05508-900  
E-mail: buenojr@usp.br

#### Tramitação

Recebido em 8 de abril de 2011  
Aceito em 26 de outubro de 2011